



A CIDADE EM MOVIMENTO: dinâmica sócio-espacial em Limeira, SP

The city on the move: socio spatial dynamic in Limeira, SP

Eduardo Alberto Manfredini

Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), SP, Mestre em Engenharia Urbana, Jd. Nova Itália, Limeira, SP - Brasil, e-mail: arqeam@terra.com.br

Resumo

Este artigo analisa processos de *dinâmica no espaço urbano* da cidade de Limeira, Estado de São Paulo, tendo como agentes o poder público e a iniciativa privada, na conformação ou configuração da área central daquela urbanização, notadamente no período compreendido entre a década de 1960 e o primeiro decênio do século XXI. Centraram-se nesta análise três recortes do *centro urbano*, identificados como *centro decadente*, *centro antigo* e *centro novo*. Destacam-se nestas parcelas alguns processos e características quanto à utilização material destes espaços no contexto do *uso e ocupação do solo urbano*. Como elemento atual de interesses para a ocupação urbana, o centro novo aparece como principal foco deste estudo com a promoção da abordagem de aspectos relevantes quanto a sua urbanização atual.

Palavras-chave: Dinâmica no espaço urbano. Centro urbano. Centro decadente. Centro antigo. Centro novo. Uso e ocupação do solo urbano.

Abstract

These article analyses processes of dynamics in urban space of Limeira city, São Paulo State, taking by agents the public power and private initiative in the conformation or configuration of the central area's urbanization, especially in the period between the 1960s and the first decade of the XXI century. Were focused to this analysis three cuttings of the urban center, identified as decadent center, old center and new center. Stand out in these portions some processes and features the material use of this spaces in context of occupation and use of urban land. As part of current interest to the urban occupation, the new center appears as the main focus of this study with the promotion of relevant issues regarding their current urbanization.

Keywords: *Dynamics in urban space. Urban center. Decadent center. Old center. New center. Occupation and use of urban land.*

INTRODUÇÃO

Segundo Leite (1994), a paisagem resulta da harmonia de forças e processos que ocorrem pelo espaço, em um determinado tempo. Reflete uma visão social do sistema de produção e vê suas formas transformadas quando os preâmbulos que as nortearam não mais condizem com a realidade ou com sua autoevidência.

A autora argumenta ainda acerca da paisagem urbana:

A percepção do tempo, do espaço e da natureza muda com a evolução cultural, o que exige a procura de novas formas de organização do território que melhor expressem o universo contemporâneo, formas que capturem o conhecimento, as crenças, os propósitos e os valores da sociedade. [...] Uma paisagem modificada pelo homem não é, portanto, uma paisagem antinatural, mas uma paisagem cultural que deve atender tanto a critérios funcionais quanto estéticos (LEITE, 1994, p. 7).

Já para Carlos, como forma de expressão do urbano, a paisagem tem tendência a revelar uma dimensão necessária da produção do espaço e isto implica em uma análise que busque inserir elementos nesta discussão pautados no urbano como processo e não apenas enquanto forma. Esta autora aborda também que: “a paisagem

urbana é a expressão da “ordem” e do “caos”, manifestação formal do processo de produção do espaço urbano, colocando-se do aparente e do imediato.” (CARLOS, 1992, p. 36).

No campo da paisagem nas urbanizações brasileiras, as ações que pautaram sua transformação, sob ocorrências como evolução do crescimento populacional e das dimensões físicas do território, estas entendidas como dinâmica sócio-espacial, impulsionaram transformações nas cidades de porte médio em especial com o advento da industrialização do país, entre meados das décadas de 1960 e 1980.

No Estado de São Paulo, observa-se que um maior número de cidades médias situa-se nas áreas vizinhas da metrópole representada pela capital do Estado (Figura 1). Braga (2005) aborda que são exceções a esta regra o setor sudoeste, mais especificamente as regiões de Campinas, Sorocaba e o Vale do Paraíba. Este autor aponta também que tais urbes aparecem em menor quantidade, na área central do Estado e ainda observa:

Este quadro coaduna-se com o processo de desconcentração industrial ocorrido no Estado, principalmente nas décadas de 1970 e 1980, quando houve um arrefecimento da concentração econômica na Grande São Paulo e sua realocação nas regiões do entorno metropolitano (principalmente nas regiões de Campinas, São José dos Campos, Baixada Santista e Sorocaba) [...] (BRAGA, 2005, p. 2246).

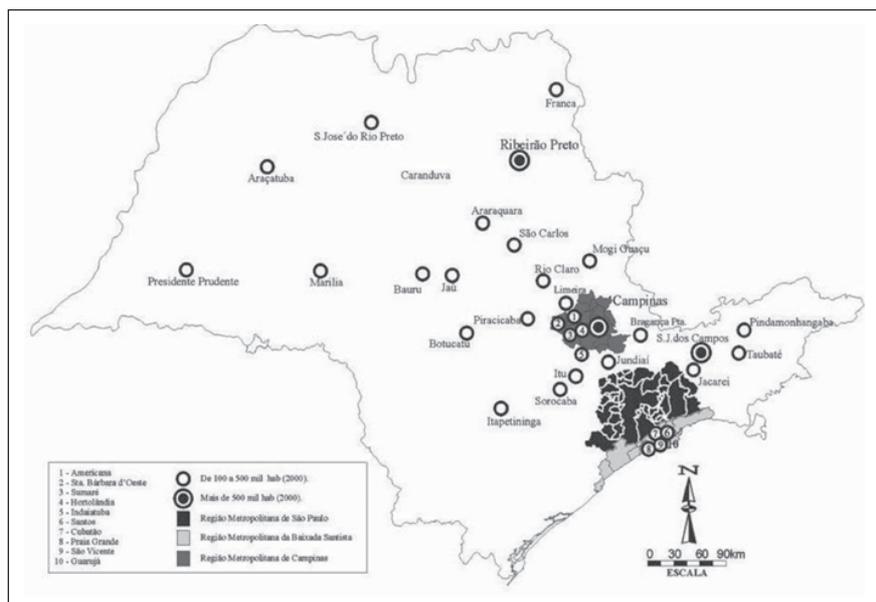


FIGURA 1 - Área central de Limeira

Fonte: Mapa elaborado pelo autor com base em Limeira, 2008.

O mesmo autor, em seu artigo para o V Encontro de Geógrafos da América Latina, considerou como cidades de porte médio no Estado de São Paulo aquelas urbanizações entre 100 e 500 mil habitantes:

As cidades de porte médio apresentaram nas últimas duas décadas um crescimento demográfico superior ao da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), [...] a população das cidades de porte médio (entre 100 e 500 mil habitantes) têm ampliado sua participação no estado enquanto a RMSP vem diminuindo seu papel sucessivamente, entre 1980 e 2000 (BRAGA, 2005, p. 2245).

O modo como se processou, no período em questão, a ocupação dos territórios urbanos, foi e continua sendo tema para a abordagem dos cientistas e dos estudiosos da vida em comunidade e das relações sociais urbanas, especialmente no contexto dessas relações e mudanças nos grandes centros urbanos do país.

Como observou Michel (apud AMORIM FILHO; SENA FILHO, 2007), as cidades médias, pela sua condição física, populacional e social, representam a chance derradeira de se fazer um “novo urbanismo”. Este, segundo aquele autor, seria fadado ao sucesso onde fracassaram as cidades grandes, desde que se apropriassem de modo analítico das informações negativas acerca dos eventuais enganos cometidos pelas metrópoles.

Assim, indagações referentes à urbanização das cidades brasileiras de médio porte, diferenciadas nas dimensões do território e expansão populacional das realidades das grandes urbes estudadas e conhecidas, também começam a direcionar pesquisadores no sentido de elucidar algumas questões; tem-se como base para isso as análises e levantamentos de objetos de estudo localizados além dos limites das regiões metropolitanas.

O intuito deste artigo direciona-se então para apresentar uma visão analítica acerca de um recorte da cidade média, mais especificamente de sua área central, observando as condições socioespaciais daquela localidade, em especial no tocante ao uso e ocupação do solo nos últimos anos do século XX.

Na opinião de Villaça (2001), as aglomerações socioespaciais humanas, quaisquer que sejam, desenvolvem apenas um centro principal. Segundo esse autor, a evolução da vida social

promove o aparecimento de atividades e serviços, estes buscados pelos habitantes das cidades, e ao núcleo que concentra a maior parte destes serviços e as maiores facilidades de acesso no atendimento às pessoas denomina-se centro urbano.

Deste modo, observar-se-á neste artigo a dinâmica sócio-espacial no uso e ocupação do solo na região central da cidade de Limeira, urbe localizada na área de entorno da Região Metropolitana de Campinas, situada na área Leste do Estado de São Paulo.

Histórico e caracterização da cidade de Limeira

A história da cidade tem início no século XVIII, a partir de uma parada de bandeirantes localizada a cento e cinquenta quilômetros da capital paulista, local conhecido então como Rancho do Morro Azul.

Segundo o Plano Diretor de Limeira (LIMEIRA, 1998), por volta de 1826, ocorre a instalação de um pequeno núcleo comercial e residencial, próximo ao Morro Azul, ponto culminante da região e às margens do ribeirão Tatuhyby e da recém construída estrada que ligava a região do Morro Azul a Campinas, aberta por iniciativa do Senador Nicolau de Campos Vergueiro para escoar a produção do engenho da Fazenda Ibicaba, de sua propriedade.

Busch (2007) observou que em 1832, por doação do Capitão Cunha Bastos, proprietário de terras na região à irmandade da Igreja de Nossa Senhora das Dores de Tatuhyby, foi destinada à ocupação a primeira gleba de terras com a delimitação de um traçado em xadrez constituído por um arruamento perpendicular entre si, hoje área central da cidade, onde teve início a área urbana de Limeira.

O município está situado na confluência das Rodovias Anhanguera, SP 330, e Washington Luís, SP 310, na Região Administrativa de Campinas, Leste do Estado de São Paulo, a cidade de Limeira é sede da Região de Governo que tem seu nome.

A área urbana, com população atual em torno de 260 mil habitantes, localiza-se a aproximadamente 150 km da capital, constituindo-se assim em um objeto de pesquisa, cuja espacialidade urbana pode ser adequada ao contexto de estudo da dinâmica sócio-espacial, enquadrando-se assim em um perfil de cidade média paulista.

Informações referentes à área urbana do município de Limeira coletadas no IBGE (2008), mostram que a cidade com população em torno de 45 mil habitantes, no início da década de 1960, apresentou crescimento populacional superior a 200%, chegando ao início da década de 1980 com aproximadamente 140 mil habitantes.

Este crescimento populacional foi seguido de aumento na área ocupada pelo solo urbano, com coeficientes de urbanização passando de 74% em 1960 para 91,53% em 1980, visando possivelmente ao atendimento das necessidades habitacionais, do trabalho e de serviços desta população, segundo verificado nas informações constantes do Plano Diretor Urbano de 1998.

Com base nas observações de Cunha et al. (2000), Limeira está instalada em uma das regiões de maior desenvolvimento econômico do país e de expansão populacional trazida pelo advento da industrialização nas décadas de 1970 e 1980, no eixo de expansão das rodovias que ligavam a cidade de São Paulo tanto ao interior do Estado como aos Estados vizinhos.

Entende-se, deste modo, que a cidade passou por processos de dinâmica sócio-espacial que influenciaram na configuração e caracterização do espaço urbano no período em questão, em

especial quanto à expansão urbana e populacional nos municípios de porte médio.

Considerando-se o exposto, buscar-se-á a análise espacial de três recortes, áreas diferenciadas no contexto da paisagem, localizadas no espaço determinado pela região central desta urbanização, observando ali a caracterização atual destes cenários, e as dinâmicas sócio-espaciais presentes no uso e ocupação do solo.

Demografia, economia e conformação urbana

A evolução demográfica do município de Limeira nos últimos 40 anos teve como ponto significativo o período compreendido entre as décadas de 1970 e 1980, quando a população alcançou crescimento de aproximadamente 60%, segundo dados do IBGE (2003), para os censos de 1991 e 2000, constantes da Tabela 1. O crescimento constante até 1980 é sensivelmente reduzido no último período censitário, com a taxa geométrica caindo dos 5,17% ao ano, correspondentes à década de 70 para apenas 2,97% ao ano entre 1980 e 1991, atingindo 2,08% ao ano, nos anos de 1991 a 1996.

TABELA 1 - Evolução da população (habitantes)

Situação	1960	1970	1980	1991 ¹	1996	2000 ²
urbana	45.256	77.094	137.809	196.614	217.029	238.349
rural	15.463	13.869	12.749	11.156	13.319	10.697
total	60.719	90.963	150.558	207.770	230.348	249.046

Fonte: IBGE (Censos de 1991 e 2000).

Nota 1: População urbana + expansão urbana;

Nota 2: IBGE (Censo, 2000).

Segundo o Plano Diretor de 1998, o desenvolvimento econômico do município, como em grande parte do Estado de São Paulo, está intimamente ligado à expansão da cafeicultura.

Três fatores influenciaram decisivamente neste desenvolvimento:

- a) a acumulação de capitais decorrentes do desenvolvimento da cafeicultura;
- b) a imigração europeia, que veio trabalhar na cafeicultura, trazendo co-

nhcimentos técnicos que permitiriam o desenvolvimento das atividades industriais;

- c) a infraestrutura rodoferroviária do município, que sempre contou com fácil acesso aos centros consumidores e produtores, capital e interior do Estado e pontos de saída para o mercado internacional.

A cidade está inserida na região de Campinas, área esta marcada fortemente pela indús-

tria de transformação e de tecnologia avançada, possuindo – segundo dados do Plano Diretor - PIB superior ao dos Estados de Minas Gerais e Rio Grande do Sul e faturamento das empresas instaladas maior que o faturamento dos Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e dos Estados da Região Nordeste do país.

Conforme apontado em Manfredini (2005), no contexto urbano, a indústria, em constante evolução nas décadas de 60 e 70, contribuiu para a abertura de novos postos de trabalho, tornando necessário o interesse econômico na implantação de novos loteamentos.

Paralelamente a estes acontecimentos, observa-se que o processo de expansão ocorrido de 1950 a 1975 ocorreu de modo desordenado com o surgimento de grandes vazios urbanos ainda ocupados por propriedades particulares que praticavam as culturas de cana-de-açúcar e da laranja, não havendo, portanto, interesse econômico em criar nessas áreas novos loteamentos.

Após a expansão ocorrida de meados da década de 1970 a meados da década de 1980, que representou o maior crescimento verificado da malha urbana, tivemos no início da década de 90

uma explosão de loteamentos residenciais populares na porção sul da cidade, com um consequente extravasamento do perímetro urbano e ocupação da área de expansão urbana.

A região central e os centros urbanos

A área central de Limeira pode ser considerada no contexto físico uma ampla área que se expande a partir do antigo leito da estrada de ferro em direção sul até a via expressa denominada Anel Viário, trecho delimitado pela Avenida Piracicaba e Rua Presidente Prudente (Figura 2).

Na região deste grande centro urbano estão localizadas as sedes e principais atividades comerciais e de serviços, setores da administração pública municipal, estadual e federal, bem como instituições bancárias e edificações residenciais.

No passado, até meados da década de 1980, aí se concentravam também o maior número da capacidade industrial do município, em plantas instaladas, as quais nas décadas seguintes encerraram suas atividades ou migraram para outras regiões da cidade ou para municípios vizinhos.



FIGURA 2 - O centro urbano

Fonte: Mapa elaborado pelo autor com base em Limeira, 2008.

Conforme abordado em Manfredini (2005), dentre os processos que motivaram as migrações de atividades no setor industrial, pode-se citar a necessidade de expansão industrial, a facilidade para aquisição de terrenos com impostos convidativos (em outros municípios da região), a falência e até mesmo a aprovação de leis restritivas de uso do solo, as quais dificultaram a instalação de indústrias no centro.

Sob a ótica da utilização e da ocupação do território urbano, podem ser identificadas

neste grande centro de Limeira, três áreas com processos diferenciados, no tocante à dinâmica sócio-espacial (Figura 3).

Na divisão de estudos mencionada está a área identificada como do Centro Decadente, marcada pela mitigação das atividades dos setores industrial e de transportes – este realizado até meados da década de 1980 por via férrea - e seu entorno próximo, inclusive com a migração das atividades industriais para outros locais da urbanização e para as cidades vizinhas.

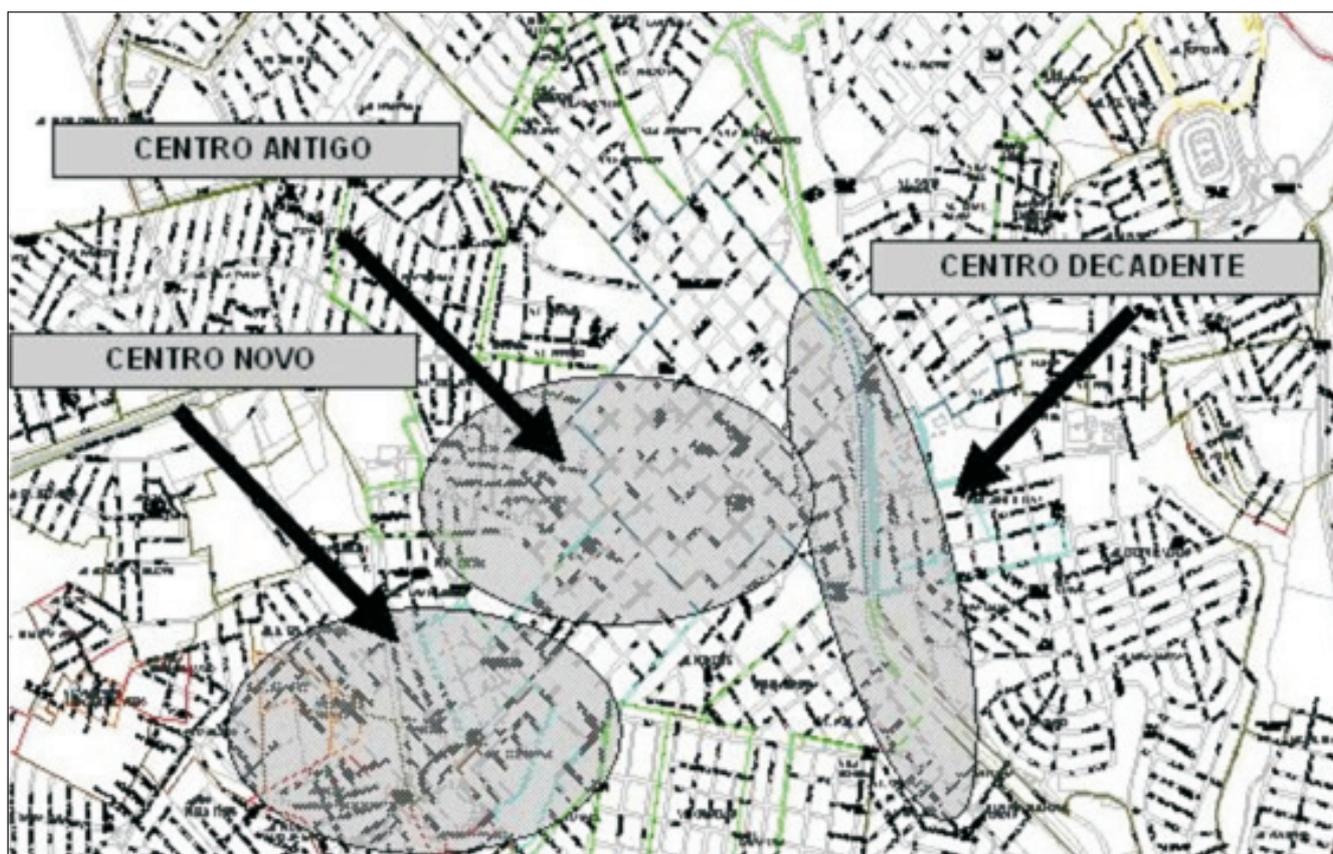


FIGURA 3 - Os centros urbanos identificados
Fonte: Mapa elaborado pelo autor com base em Limeira, 2008.

O centro antigo caracteriza-se como um pequeno núcleo, que ainda detém parte significativa das atividades de comércio e serviços, onde estão as edificações comerciais, instituições bancárias, institucionais e espaços de cultura e lazer, entremesam-se com o trânsito congestionado por veículos e pedestres. As intervenções urbanas nas edificações não são raras, entretanto, o cotidiano está marcado pelas dificuldades de acessibilidade, transportes e segurança, vistos em localidades de maior porte.

O caráter limitador do espaço ofertado por vias e edificações contrasta com a disponibilidade de atividades ainda abrigadas naquela região, contrapondo-se à facilidade de acesso e locomoção e à qualidade de vida e sustentabilidade como conceitos de melhoria das condições de ocupação na cidade.

Em contrapartida aos centros identificados anteriormente, o Centro Novo edifica-se na porção sul da cidade, onde antigas instalações industriais estão dando espaço à edificação de

centros de compras, supermercados, escolas e atividades de lazer como alternativas aos serviços públicos e sociais presentes no centro antigo.

Há que se considerar, entretanto, que essa porção da urbanização ainda apresenta alguns processos de ocupação característicos como a existência de vias com capacidade de fluxo de veículos limitada, edificações industriais e comerciais desocupadas e usos do solo conflitante entre habitações e edificações de uso comercial e de serviços, em especial as casas noturnas.

A urbanização no centro decadente

Os processos dinâmicos definidos pela diminuição e decadência da atividade industrial e transportes na área do centro decadente expandiram-se no final da década de 1980, com a estagnação da economia, especificamente no setor industrial.

As privatizações no final da década de 1990 marcaram o término do ciclo do transporte ferroviário de passageiros, então agonizante e desestruturado, entretanto, mantém-se a mobilização via linha férrea de materiais de consumo, consistindo basicamente na passagem de algumas composições por semana, com destino à capital do Estado, e dali,

aos portos de Santos no Rio de Janeiro.

Na questão da migração da indústria desta porção denominada centro decadente (Figura 4), há que se considerar que o local passa por deficiências estruturais do ponto de vista de sua localização.

Distante das principais vias de acesso à cidade, como as vias Anhanguera e Bandeirantes, a região é entrecortada por vias estreitas – as quais remetem à fundação da cidade no século XIX –, que dificultam o escoamento da produção, o que, aliado à indisponibilidade de espaços disponíveis para a ampliação da produção, motivou as empresas a procurar novas áreas junto às Rodovias e mesmo em municípios de menor porte na vizinhança.

Deve-se considerar que as pequenas cidades da região de Limeira, como Cordeirópolis e Iracemápolis, investiram de modo incisivo na captação de indústrias de pequeno e médio porte, promovendo a construção de distritos industriais e a concessão de gratuidade nos impostos municipais nos anos de 1980 e 1990, para a instalação de empresas por um período de até dez anos, o que não ocorreu em Limeira naquele período.

Nesta caracterização, não se pode deixar de observar que as condições econômicas e problemas estruturais da administração levaram algumas empresas a encerrar suas atividades.



FIGURA 4 - O centro decadente

Fonte: Mapa elaborado pelo autor com base em Limeira, 2008.

Com relação à análise da urbanização no centro decadente, destacam-se atualmente alguns edifícios recebendo manutenção insuficiente e desprovidos de um uso efetivo (Figura 5). Ali podem ser elencados edifícios de empresas como a Máquinas D'Andrea e a Companhia União dos Refinadores (Figura 6), que encerraram suas atividades industriais e se tornaram espaços vazios dentro da área urbana.



FIGURAS 5 e 6 - Imagens do centro decadente (trilhos da ferrovia e Ribeirão Tatu)
Fonte: Fotos do autor (Manfredini, 2008).

Em consonância com esses fatores, a lei municipal de uso e ocupação do solo, Lei Complementar n. 212, de 9 de junho de 1999, veio proibir a atividade industrial promotora de poluição e ruídos, na área do centro decadente, dificultando inclusive a utilização desses antigos edifícios industriais.

As exigências da lei vieram regular a questão da instalação industrial na porção central, reduzindo de certa forma o fluxo de veículos e pedestres, bem como promovendo certa qualidade de vida ao espaço local, com a eliminação de agentes poluidores do ambiente, entretanto não vislumbrou instrumentos que permitam a utilização desses espaços de modo interativo com as condições de locomoção, segurança e higiene da urbanização.

Espaços limitados no centro antigo

O centro antigo (Figura 7), onde estão concentradas partes importantes das atividades comerciais e de serviços, como o setor bancário e instituições governamentais, é hoje ainda utilizado como referência por consumidores que desejam adquirir bens e serviços, bem como por aqueles empreendedores que procuram espaços para constituir seus negócios.

Esta afirmação reside de modo global na exploração empresarial pautada na disseminação de atividades atreladas às condições de acesso aos bens ofertados e disponibilidades de edificações e equipamentos para essas finalidades.

Os problemas estruturais citados anteriormente estão concentrados nos conflitos observados do traçado viário e na potencialidade de edificações e equipamentos urbanos, estes produtos da fundação da cidade no século XIX e utilizados por toda a tipologia de veículos, compostos por edifícios sem condições mínimas de insolação e ventilação, degradados em suas estruturas e instalações e ladeados por vias de pedestres estreitas e providas de interferências em excesso.

A gestão do centro antigo aparece atrelada à ausência de propostas estratégicas para a região, que promovam a revitalização do local, por meio de intervenções urbanísticas – exceção feita à Praça Toledo Barros, área de convívio principal, revitalizada no ano de 2008.

Focando o caráter estrutural, o usuário encontra os problemas de tráfego e estacionamento pautados na ausência de vagas para veículos, vias de capacidade de suporte limitadas e congestionamentos nos horários de início e fim do expediente comercial.

Outro problema de infraestrutura diz respeito ao dimensionamento mínimo e condições físicas das calçadas, que acabam facilitando a aglomeração de pessoas e a ocorrência de acidentes, dado suas dimensões estreitas e piso irregular.

Esses fatores dificultam o acesso do consumidor de serviços e bens, bem como a integração de portadores de deficiências, idosos e crianças às atividades centrais.

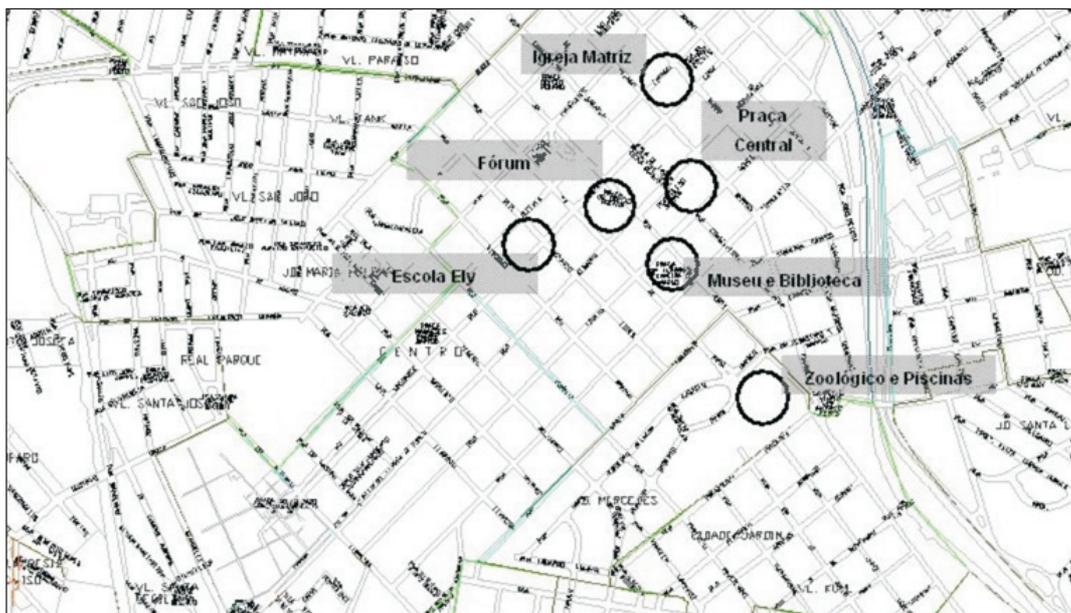


FIGURA 7 - O centro antigo

Fonte: Mapa elaborado pelo autor com base em Limeira, 2008.

O espaço urbano no centro antigo está também marcado, conforme descrito anteriormente, pela ausência de melhorias urbanísticas, como, por exemplo, o estudo voltado para a promoção de mitigação nos problemas de tráfego e acesso do pedestre e de ciclistas, limitação do uso de veículos de transporte individual em horários comerciais, criação de espaços de lazer e incentivos às atividades culturais, através de projetos de revitalização e recuperação das praças existentes (Figura 8), execução de calçadões e transformação de espaços construídos sem condições de uso em áreas de atividades diversas de lazer, entretenimento e serviços à população.



FIGURA 8 - Vista do centro antigo (praça da biblioteca e Museu)
Fonte: Fotos do autor (Manfredini, 2008).

Entende-se que também se faz necessária a participação dos agentes de serviços e comerciais da região, promovendo melhorias nas condições estruturais dos estabelecimentos, tornando-os agradáveis, acessíveis e atraentes ao consumidor.

As dinâmicas urbanas no centro novo

O Centro Novo (Figura 9), identificado anteriormente, está marcado pela instalação de atividades comerciais e de serviços, com a promoção da ocupação de antigas instalações e espaços vazios pertencentes aos produtores industriais.

Dentre essas atividades, podem ser destacadas as dos setores varejistas, como supermercados, postos de combustíveis e, mais recentemente, um centro de compras. Ali se concentram também casas noturnas, restaurantes e instituições bancárias.

A necessidade de espaços e estacionamento para veículos, facilidade de acesso ao pedestre e segurança, dentre outros fatores, tem atraído investidores e consumidores, bem como chamado a atenção dos proprietários de áreas vazias e construídas – algumas delas sem utilização – para a promoção da venda ou aluguel de seus imóveis.

Também pode ser denotada a edificação nos últimos anos de loteamentos em forma de condomínios fechados na região, o que promoveu uma necessidade de consumo de bens e serviços a esses moradores, parte destes de classe social elevada, evitando seu acesso ao centro antigo e a outras áreas da cidade para satisfazer suas necessidades.

Há que se destacar, entretanto, que apesar da evidente expansão, o centro novo carece dos mesmos problemas levantados no centro antigo com relação à infraestrutura urbana. Algumas ruas são estreitas, as calçadas carecem de melhor condição de acessibilidade, e o tráfego em horários de pico e finais de semana começa a congestionar.

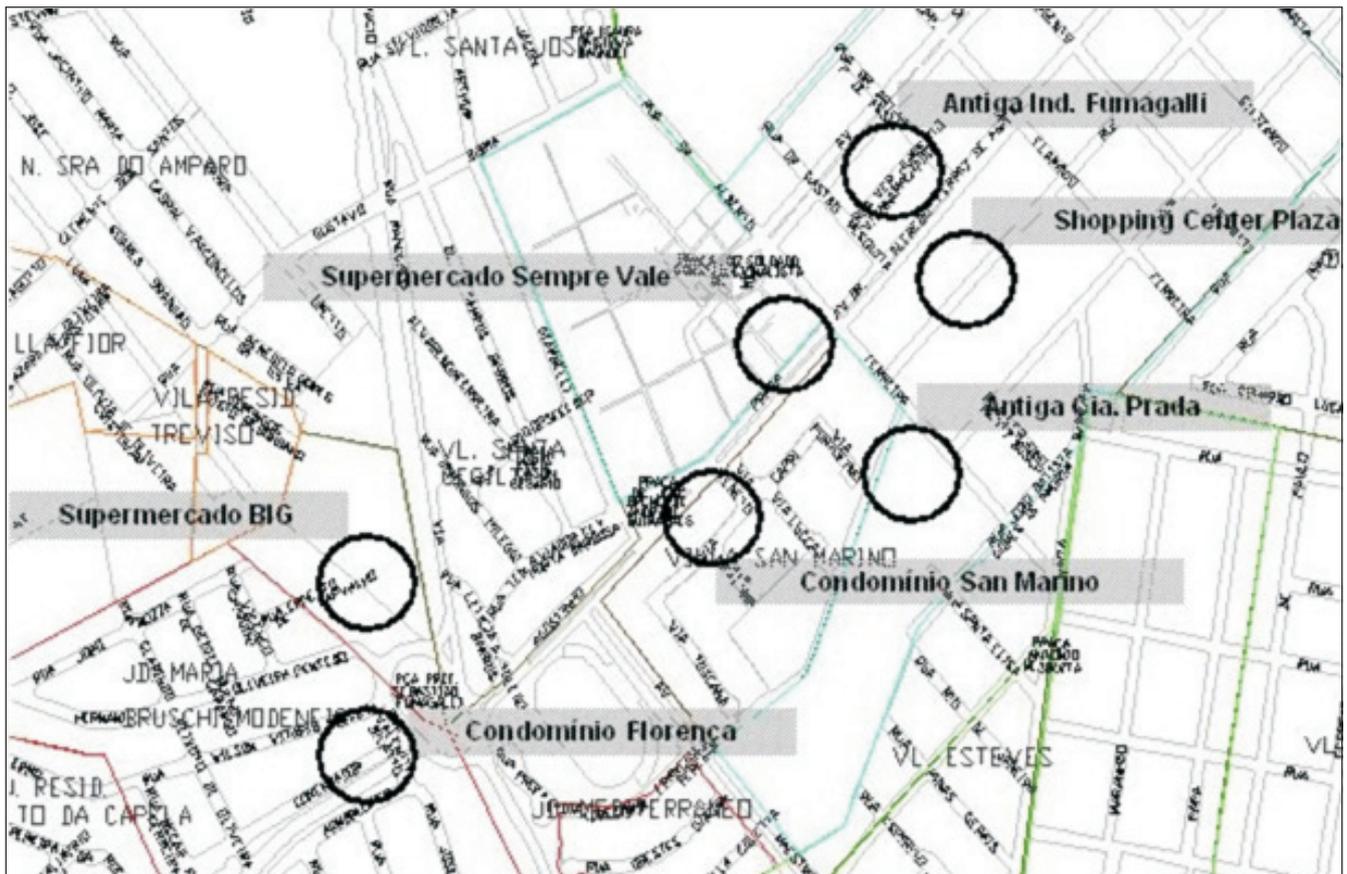


FIGURA 9 - O centro novo

Fonte: Mapa elaborado pelo autor com base em Limeira, 2008.

Esses aspectos supramencionados se avolumam com a expansão da ocupação do local e funcionamento efetivo das atividades que ainda estão em fase de implantação, como o Shopping Center Plaza, que amplia suas instalações e atrai consumidores, promovendo problemas de locomoção.

Evidencia-se neste centro novo a utilização de uma área vazia pertencente à antiga Indústria Prada de Chapéus (Figura 10), onde se

instalou um loteamento fechado, o Supermercado Sempre Vale e a Rede de Alimentação McDonald's, área esta que ficou por muitos anos ligada à empresa e sem utilização, adquirindo dinâmica com a venda do terreno para os empreendedores mencionados.

As instalações da antiga Máquinas Lucato, onde está em fase de expansão o Shopping Center Plaza (Figura 11), passou por um processo de ocupação do espaço diferenciado em relação ao

terreno da Indústria Prada, pois após o término da atividade industrial, por volta dos idos de 1997, o local vivenciou a paralisação nas obras do shopping, por um período aproximado de seis anos e, em 2003, começou a operar. Com o funcionamento ainda parcial – alguns espaços para lojas encontram-se vazios – o Centre Plaza oferece atividades como cinemas, lojas de varejo de pequeno e médio porte e o setor de alimentação.



FIGURA 10 - Área do centro novo (década de 1960)

Fonte: Foto Durval, 2008.

Neste contexto do Centro Novo, cabe destacar o processo pelo qual passa o antigo edifício da Indústria Fumagalli - indústria automotiva - (Figura 12), que por muitos anos funcionou na área e também deve ser considerado. A edificação se encontra em área vizinha ao Shopping Center Plaza e está sendo utilizada de modo esporádico para festas, estacionamento e depósito de grãos do Governo Federal.





FIGURAS 11 e 12 - Imagens do centro novo (Shopping Plaza e Antiga Indústria de Rodas da Fumagalli)

Fonte: Fotos do autor (Manfredini, 2008).

O edifício industrial da Companhia Prada de Chapéus (Figura 13), que após muitos anos encerrou ali suas atividades, partindo para uma área próxima à via Anhanguera, inclusive com mudança de seu nome comercial, faz parte do mesmo modo do complexo do Centro Novo, e conforme descrito anteriormente é vizinho à área do Supermercado Sempre Vale (Figura 14.). Tal edificação encontra-se em processo de recuperação, tendo seu conjunto arquitetônico preservado em partes e em constante manutenção. Ali se encontra instalado desde os idos de 2004 o Paço Municipal de Limeira, que abriga as secretarias municipais e o gabinete do prefeito.





FIGURAS 13¹ e 14² - Vistas do centro novo (antiga Indústria de chapéus Prada e Macdonald's)

Fonte: 1: Foto Durval, 2008; 2: Foto do autor (Manfredini, 2008).

CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES

A ocupação do espaço na área central da cidade de Limeira, sob a ótica de seu contexto atual, levanta o questionamento acerca das práticas de ocupação do solo que marcaram sua dinâmica espacial e dos fatores que levaram a essas ocorrências, com a posterior revitalização destes lugares urbanos, caracterizados pela histórica luta de classes na apropriação e uso do solo na cidade.

Como argumentou Souza (2003), desejar e projetar, como muito se fez no urbanismo tecnicista presente em nossas cidades, são verbos distantes da realidade atual econômica, social e política, onde é crescente a exigência da participação dos variados grupos que compõem o conjunto da comunidade. Segundo o autor, não há mais espaço em nossas urbanizações para projetos em desacordo com a realidade e focados em custos elevados, com consequências financeiras fadadas ao prejuízo.

Em Manfredini (2005), constatamos que a dinâmica sócio-espacial urbana decorrente em

Limeira nos últimos quarenta anos, acompanhou, de modo geral, os anseios dos cidadãos das classes economicamente abastadas. Entretanto, a sociedade como um todo expressou suas necessidades, de modo a garantir que cada ação ou proposta de intervenção e melhoria na cidade, elaborada pelo poder público, com o aval da iniciativa privada, viesse a trazer, inegavelmente, determinados benefícios diretos e indiretos à população, garantindo certo acordo entre as classes sociais na ocupação urbana².

Deste modo, entende-se que estratégias futuras com relação à apropriação do solo urbano na cidade, devem ser o alvo da aplicação de políticas de revitalização e reuso do espaço, pautadas em solucionar as problemáticas urbanas, focadas na assimilação de benefícios para toda a comunidade.

Deste modo, seriam garantidas as condições de integração e uso espacial como objetos dinâmicos, imputando-lhes usos que os socializem e tornem estes sítios urbanos integrados no

² Na dissertação de Mestrado (MANFREDINI, 2005), observou-se que embora as classes sociais abastadas economicamente tivessem se apropriado do solo urbano como instrumento de manutenção e ascensão ao poder de decisão acerca da ocupação fundiária, estas ações atenderam a demanda por espaços habitacionais, por exemplo, em especial da população mais pobre, que de uma maneira ou outra acabou por encontrar seu quinhão de terra urbana por custos relativamente aceitáveis.

contexto da cidade e imbricados no conceito de tornar a vida da comunidade de melhor qualidade.

Considerando o exposto, as três áreas identificadas no contexto do centro urbano de Limeira têm potencial para que ali se promovam usos e ocupações do espaço pautados no planejamento de modo democrático e participativo.

Inserindo nesses locais propostas pautadas na discussão e participação dos diversos atores sociais, como poder público, associações de classes, associações de moradores e demais agentes presentes na sociedade e, com projetos que venham a beneficiar toda a cidade, é possível recuperar e ordenar as dinâmicas destes locais, de modo a garantir seu desenvolvimento e torná-los objetos de uso e ocupação que beneficiem a urbanização como um todo.

Esses ideais aplicados no centro decadente poderiam trazer novamente à vida a extensa área próxima à ferrovia e incentivar seu uso pela comunidade com atividades que sejam suplementares às necessidades da população local e de toda a comunidade, ou sirvam à valorização daquele quinhão central.

Também há que se observar ali, como comentou Solà-Morales, que esta região do centro pode ser considerada como um patrimônio da cidade e, portanto, seus edifícios e monumentos, trazem em sua memória, a história de um tempo passado fundamental para a construção de uma dinâmica espacial atualizada. Este autor ainda argumentou que: “o patrimônio é uma idéia do centro que tem a ver com a apreciação a história, o valor da memória e a qualidade estético-arquitetônica dos edifícios” (SOLÀ-MORALES, 2001, p. 110).

Também no centro antigo, a caracterização do patrimônio histórico é inegável. Em qualquer proposta que seja apresentada para esta área há que se considerar essas questões, entretanto, objetivando projetar a região sob o conceito de dinâmicas que viessem a estabelecer condições de melhoria nas condições atuais de uso e ocupação.

Os ideais de ampliar o uso do transporte urbano sustentável, público, de pedestres e veículos alternativos, poderiam resultar em melhorias nas condições de segurança no trânsito, notadamente nos períodos de pico no tráfego e trazer estrategicamente benefícios para aquele local e para a cidade de um modo geral, valorizando e aprimorando a utilização de seu núcleo central,

como polo urbano de comércio, serviços e lazer.

Analogamente às propostas para os centros decadente e antigo, o centro novo carece de planejamento para elaborar sua estratégia de ocupação. As propostas ali deveriam se pautar em adequar o local com atividades compatíveis à infraestrutura instalada e à limitação do potencial de ocupação do solo, para absorção dessas atividades, procurando se aplicar uma condição dinâmica pautada no atendimento de necessidades que tragam benefícios urbanos de modo global.

A existência de atividades comerciais de varejo de grande porte nesta área e a presença de casas noturnas e restaurantes pode sinalizar para a valorização da localidade como polo nos conceitos dessas atividades, funcionando como alavanca para o direcionamento das estratégias de planejamento local, diversificando deste modo o uso do solo em relação aos demais centros aqui tratados e promovendo, deste modo, pela região central como um todo, vocações diferenciadas com relação à ocupação e à dinâmica sócio-espacial.

Como comentaram Azevedo e Reis Filho (2001), para se tratar da questão central, é necessário ter uma visão do contexto urbano como um todo. Pensar nas inter-relações entre os espaços da cidade, sem deixar de considerar as condições específicas de cada local.

Os autores comentam ainda que cabe ao Estado, aqui representado pelo Poder Público Municipal, fomentar conceitos de solidariedade, como uma rede integrada entre instituições, organizações e grupos sociais, no intuito de planejar as ações e intervenções na região central, de modo compartilhado, e com dinâmicas de ocupação e uso do solo integradas.

Desatrelando o poder de decisão acerca da dinâmica sócio-espacial de parcelas limitadas da sociedade, lideradas pelos seus representantes, o espaço urbano torna-se produto de formatação coletiva de vontades, com o cidadão comum, paralelamente aos mandatários do poder econômico tomando as rédeas do processo.

Assim, ao se implementar o planejamento para as áreas em expansão de atividades sócio-espaciais na urbanização, dever-se-ia fazê-lo de modo que toda a comunidade possa se apropriar dos benefícios produzidos pela necessidade primordial dos cidadãos nos espaços urbanos das cidades médias na atualidade: mover-se.

REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, O. B.; SENA FILHO, N. **A morfologia das cidades médias**. Goiânia: Vieira, 2007.

AZEVEDO, M. E. R. M.; REIS FILHO, N. G. Comentários. In: ALMEIDA, M. A. R.; MEYER, R. M. P. (Coord.). **Os centros das metrópoles: reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI**. São Paulo: Associação Viva o Centro; Terceiro Nome; Imprensa Oficial, 2001, p. 199.

BRAGA, R. Cidades médias e aglomerações urbanas no Estado de São Paulo: novas estratégias de gestão territorial. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 5., 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: EGAL, 2005. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/igce/planejamento/publicacoes/TextosPDF/rbraga13.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2009.

BUSCH, R. K. **História de Limeira**. 3. ed. Limeira: Sociedade Pró Memória, 2007.

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

CUNHA, J. M. P. et al. Dinâmica migratória no Estado de São Paulo. In: HOGAN, D. J. et al. (Org.). **Migração e ambiente em São Paulo: aspectos relevantes da dinâmica recente**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2000. p. 61-126.

FOTO DURVAL. **Fotos da área central de Limeira (SP) na década de 1960**. Limeira, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Cidades**. Sensu 1991-2000. Disponível em: <<http://www1.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 15 nov. 2003.

_____. **Cidades**. Disponível em: <<http://www1.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 15 nov. 2007.

_____. **Brasil em síntese**. Disponível em: <http://www1.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/default.htm>. Acesso em: 17 nov. 2008.

LEITE, M. Â. F. P. **Destruição ou desconstrução: questões da paisagem e tendências de regionalização**. São Paulo: Hucitec, 1994.

LIMEIRA, Prefeitura Municipal. **Plano Diretor**. Limeira (SP): Secretaria de Planejamento e Urbanismo, 1998.

_____. **Mapa urbano digital**. Limeira, SP: Secretaria de Planejamento e Urbanismo, 2008.

MANFREDINI, E. A. **Ações públicas e privadas na conformação da cidade: estudo da dinâmica sócio-espacial de Limeira – SP, 1960-2000**. 2005. 279 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) – Centro de Ciências Exatas e Tecnologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.

_____. **Fotos da área central de Limeira**. Limeira, SP: [s.n.], 2008.

SOLÀ-MORALES, M. Ações estratégicas de reforço do centro. In: ALMEIDA, M. A. R.; MAYER, R. M. P. (Coord.). **Os centros das metrópoles: reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI**. São Paulo: Associação Viva o Centro; Terceiro Nome; Imprensa Oficial, 2001. p. 199.

SOUZA, M. L. **Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

VILLAÇA, F. **Espaço intra urbano no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP; Lincoln Institute, 2001.

Recebido: 15/12/2008
Received: 12/15/2008

Aprovado: 16/10/2009
Approved: 10/16/2009

Revisado: 18/12/2009
Reviewed: 12/18/2009